

LICÃO 08 – O MINISTÉRIO DE EVANGELISTA

Subsídio elaborado por Inacio de Carvalho Neto. E-mail do autor: ibcneto@inaciocarvalho.com.br.

Comentários introdutórios:

Conceito de evangelista:

- Em primeiro lugar, temos que deixar claro que o conceito de evangelista, nesta lição, não está necessariamente ligado ao cargo de Evangelista, existente na Assembleia de Deus e em várias outras denominações.

- É possível que quem tenha o cargo de Evangelista seja um autêntico evangelista, nos termos que aqui se emprega esta expressão. Aliás, espera-se que assim seja. Mas se sabe que, na prática, nem sempre é assim. Muitos são os que, detendo o cargo de Evangelista, não são verdadeiramente evangelistas, nos estritos termos da palavra.

- E há também os que não detêm o cargo de Evangelista, mas são verdadeiros evangelistas. Veja-se o caso de Filipe, citado no texto da lição. Ele era um Diácono (At. 6.5), mas foi reconhecidamente um autêntico evangelista (At. 21.8).

- Em segundo lugar, embora na nossa tradição tenhamos cargos que parecem ter ordem de preferência e importância (Pastor, Evangelista, Presbítero, Diácono, Cooperador, nesta ordem), com certa hierarquia, os dons ministeriais não são colocados em ordem; todos têm a mesma importância. Apóstolos, profetas, evangelistas, pastores e doutores são todos dons de igual importância na igreja, cada um com a sua função; não há hierarquia entre eles.

- Embora a lista dos dons ministeriais de Ef. 4.11 não esteja em ordem de importância, a sequência apresentada também não é casual; ela está em ordem cronológica em que se dá a própria edificação da igreja: primeiramente os apóstolos, aqueles a quem cabe a implantação de igrejas em locais ainda não evangelizados; em segundo lugar os profetas, que são complemento do “fundamento dos apóstolos e dos profetas” (Ef. 2.20); em terceiro lugar os evangelistas, que são os que vão pregar a Palavra para ganhar almas; em quarto lugar os pastores, que vão cuidar das almas; e por fim os doutores, ou mestres, que irão ensinar os crentes, para crescerem na graça e no conhecimento.

- Observem que a sequência tem por objetivo “o aperfeiçoamento dos santos, para a obra do ministério, para edificação do corpo de Cristo, até que todos cheguemos à unidade da fé e ao conhecimento do Filho de Deus, a varão perfeito, à medida da estatura completa de Cristo” (Ef. 4.12). Todo o trabalho da igreja, portanto, desde a sua implantação inicial, até o ensino, tem por objetivo o aperfeiçoamento dos santos, o crescimento espiritual, até chegarmos à perfeição em Cristo.

- Em terceiro lugar, anote-se que a obrigação de evangelizar é dirigida a toda a igreja, como adiante se demonstrará. Portanto, num certo sentido, todos os cristãos são, ou pelo menos devem ser, evangelistas.

- Mas o conceito de evangelista aqui empregado é um pouco diferente: refere-se à pessoa que é dotada pelo Espírito Santo de um dom especial para evangelizar, alguém que está especialmente capacitado por Deus para cumprir o Ide de Jesus.

- Não que apenas essas pessoas especialmente dotadas é que possam evangelizar; ao contrário, o Ide de Jesus é para todo o crente. Mas essas pessoas vão evangelizar mais e melhor do que os demais crentes, justamente por serem especialmente dotadas por Deus para isso.

- Normalmente acontece que essas pessoas são os precursores da igreja na evangelização de um povo, ou de um grupo; eles vão na frente, chegam primeiro, abrindo o caminho para que a igreja como um todo depois chegue àquele grupo ou povo.

- Notem que o evangelista deve falar apenas de Cristo e do Reino de Deus, não de si próprio. Não se pode por outro fundamento além do que já está posto, o qual é Cristo Jesus (1Co. 3.11).

Os setenta evangelistas:

- Jesus escolheu 70 evangelistas para irem, de 2 em 2, às cidades de Israel anunciando a chegada do Reino de Deus (Lc. 10.1-12).

- A primeira informação que Jesus deu a eles nesse texto foi que “Grande é, em verdade, a seara, mas os obreiros são poucos” (Lc. 10.2). Isso indica que o número de verdadeiros evangelistas é sempre pequeno, pois são poucos os que realmente se dispõem a anunciar a Cristo.

- Por isso Ele recomenda a que oremos para que Deus envie obreiros para a Sua seara. A igreja que tem amor à obra de Deus deve estar sempre orando para que Deus capacite evangelistas para se disporem à pregação do Evangelho.

- Outra recomendação de Cristo aos 70 evangelistas foi que Ele os estava enviando “como cordeiros ao meio de lobos” (Lc. 10.3). Isso significa que o evangelista deve ser manso como um cordeiro, em meio a esse mundo cruel como lobo.

- Eles seriam rejeitados, perseguidos e até ameaçados de morte. A história da igreja nos mostra que muitas pessoas pagaram com a vida por professar a fé em Cristo. Os verdadeiros evangelistas devem estar dispostos a sofrer perseguições ao anunciar a Cristo.

- Por fim, Cristo deu aos 70 evangelistas poder para curar os enfermos do lugar onde visitassem (Lc. 10.9), para pisarem serpentes, escorpiões e toda a força do inimigo (Lc. 10.19). Eles voltaram alegres por verem que os demônios lhes eram sujeitos pelo nome de Jesus.

- Mas Jesus lhes advertiu que a maior alegria do cristão deve ser por ter seu nome escrito nos céus (Lc. 10.20). Ou seja, o poder que Deus nos concede é apenas um instrumento para a realização da Sua obra; devemos usá-lo convenientemente na Sua obra. Mas a verdadeira alegria que devemos ter em Cristo deve ser pelo fato de ter nossos nomes escritos no céu.

- É de se notar que todos os sinais citados por Jesus ocorreram na igreja primitiva, exceto o referente a beber coisa mortífera. Houve expulsão de demônios, eles falaram em línguas, pegaram em serpentes e curaram doentes. Mas os sinais são para os “que crerem” (Mc. 16.17), não será só para a igreja primitiva. Então, por que será que eles não ocorrem atualmente?

A grande comissão:

- Chama-se “a grande comissão” ao Ide de Jesus em Mt. 28.19-20 e Mc. 16.16: “Portanto, ide, ensinaí todas as nações, batizando-as em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo; ensinando-as a guardar todas as coisas que eu vos tenho mandado” (Mt. 28.19-20). Foi o apelo de Jesus para os discípulos anunciarem o Evangelho a todos os povos.

- Paulo deixou claro que pregar o Evangelho se trata de obrigação do crente, não é uma questão de escolha. E o que cumpre tal obrigação não tem de que se gloriar, pois está apenas cumprindo sua obrigação (1Co. 9.16). Ao contrário, o que não cumpre tal obrigação está em falta.

- Jesus ainda deixou claro que, no tocante ao Evangelho, o mundo está dividido em dois grupos apenas: o que crê e o que não crê (Mc. 16.16). Quem crer será salvo; quem não crê será condenado. Não existe meio termo; não há relativismo possível; não existe posição conciliatória. Ou crê, e será salvo; ou não crê, e será condenado.

- E também não existe divisão por nacionalidade, por sexo, por condição sócio-econômica ou por qualquer outro critério. Como disse Paulo, “nisto não há judeu nem grego; não há servo nem livre; não há macho nem fêmea; porque todos vós sois um em Cristo Jesus” (Gl. 3.28).

- A grande comissão tem alcance mundial. Jesus disse para irmos por todo o mundo para pregar (Mc. 16.15). Em At. 1.8, há uma gradação: “ser-me-eis testemunhas tanto em Jerusalém como em toda a Judéia e Samaria e até aos confins da terra”. Jerusalém aí representa nossa própria cidade (era a cidade dos discípulos na época); a Judéia, nosso país; Samaria, os países vizinhos; os confins da terra abrangem todo o mundo, até os lugares mais distantes.

- A grande comissão também se destina a todos os povos (“a toda criatura” – Mc. 16.15). Os judeus achavam que a salvação seria exclusiva para eles, mas estavam enganados. Jesus deixou claro que era para todos os povos. Até mesmo os cristãos tiveram inicialmente uma visão estreita, pregando apenas em Jerusalém. Foi preciso que houvesse uma perseguição para que eles saíssem para pregar em outros lugares (At. 8.1).

- A grande comissão é também para nós hoje, não era só para os discípulos da época de Jesus. Apenas 1/3 da população mundial se diz cristã, aí incluídos católicos romanos, evangélicos, testemunhas de Jeová e outros; evangélicos são apenas 11% da população mundial. Portanto, precisamos ganhar para Cristo os 2/3 restantes (cerca de 4 bilhões de pessoas), e mais aqueles que se dizem cristãos e na verdade não são.

- Há países que estão fechando igrejas (ex: a Alemanha fechou 340 igrejas; Portugal, quase 300), ou cujas igrejas estão sendo transformadas em mesquitas (a religião muçulmana está se alastrando por todo o mundo), restaurantes, bibliotecas, casas de show. Países como Holanda e Inglaterra estão se dizendo “pós-cristãos”; ou seja, já foram cristãos mas não são mais.

- E no Brasil o grande desafio é a proliferação dos movimentos anti-família, a exemplo do movimento gay. Há muito o que fazermos, há muita gente para evangelizarmos.

O dom ministerial de evangelista:

- A Bíblia fala muito pouco sobre esse dom. Só há três menções na Bíblia a ele, que são: 1) At. 21.8, referência a Filipe como evangelista; 2) Ef. 4.11, referência aos dons ministeriais, incluindo o de evangelista; 3) 2Tm. 4.5, Paulo conclamando Timóteo a fazer a obra de um evangelista.

- Isso não significa que o ministério de evangelista seja menos importante do que os demais citados em Ef. 4.11; todos têm a mesma importância.

- Como já dito acima, o evangelista é a pessoa especialmente capacitada pelo Espírito Santo para pregar o Evangelho, como precursora. Deve ele ter paixão pela salvação dos perdidos. É aquele que vai em hospitais, presídios, praças, favelas etc para pregar o Evangelho, buscando acrescentar mais almas ao corpo de Cristo.

- O trabalho do evangelista não se confunde com o do pastor; enquanto o evangelista diz ao pecador: “Venha para Cristo”; o pastor lhe diz: “Seja transformado pelo poder de Deus e se integre ao Corpo de Cristo, a Igreja”. São ministérios complementares; não são contraditórios. Sem pastores, não faz sentido haver evangelistas. Sem evangelistas, os pastores não vêem o rebanho crescer.

- O evangelista deve se esmerar por buscar da parte de Deus mensagens inspiradas para tocar os corações e quebrantar a alma dos pecadores. Portanto, deve buscar o conhecimento da Palavra de Deus, para estar pronto para ensinar àqueles que têm sede de aprender, mas não têm conhecimento, como ocorreu com Filipe e o eunuco (At. 8.26-35).

- Note-se que o eunuco tinha vontade de aprender a Palavra de Deus, tanto que a estava lendo, embora não conseguisse entender. Filipe aproveitou o fato de que ele lia uma profecia de Isaías a respeito de Cristo, perguntou se ele estava entendendo o que lia. Diante da resposta negativa, Filipe começou a falar a respeito de Cristo para ele. Filipe, portanto, precisou conhecer a Palavra de Deus, notadamente a profecia de Isaías e a sua aplicação a Cristo, para pregar àquele eunuco.

- A pregação de Filipe foi tão eficaz, que o eunuco se converteu na hora e já pediu para ser batizado. Isso indica que Filipe não apenas pregou para ele, mas também lhe ensinou os rudimentos da fé, tal como a necessidade de ele ser batizado em águas. E mais do que ensinar, Filipe despertou nele o desejo de ser batizado. Portanto, o evangelista, além de pregar o Evangelho, deve também discipular os neoconvertidos.

- O evangelista deve também ser sensível à voz do Espírito Santo em tudo. A exemplo de Filipe, deve ele ser obediente ao Senhor, seja para pregar a multidões, seja para falar a uma única pessoa.

- Observe-se que Filipe, em determinado momento, estava pregando a multidões (At. 8.6), e logo em seguida foi chamado por Deus para ir ao deserto, para pregar a uma única pessoa (At. 8.26). Cumprida esta missão, Filipe foi arrebatado pelo Espírito Santo e levado para Azoto, onde também pregou em todas as cidades (At. 8.40).

- Portanto, não é verdadeiro evangelista aquele que só deseja pregar a multidões, deixando de cumprir a vontade de Deus quando Ele lhe manda que pregue a uma ou a poucas pessoas. O verdadeiro evangelista deve, acima de tudo, obedecer a Deus.

- Pode parecer um desperdício de tempo que um grande evangelista seja destacado para pregar para uma só pessoa. Mas Deus tem os Seus propósitos. Em primeiro lugar, Deus valoriza cada

pessoa em si; cada um é importante para Ele. Portanto, é perfeitamente legítimo que Ele destaque um evangelista para pregar para uma só pessoa.

- Ademais, essa pessoa pode ser estrategicamente importante na Sua obra, podendo ser a futura causa da salvação de várias outras. No caso do eunuco, a história conta que ele veio a pregar o evangelho em Ceilão e na Arábia, bem como na ilha de Traprobana, no mar Vermelho, até que, finalmente, sofreu o martírio. Portanto, Deus destacou Filipe para, indiretamente, pregar a todas essas pessoas, pois Deus sabia que a salvação daquele eunuco iria trazer grande benefício para a Sua obra.

- Outro exemplo temos na mulher samaritana. Jesus foi a Samaria para pregar apenas uma mulher (Jo. 4.4-42). O que pareceu ser uma perda de tempo, na verdade, acarretou na salvação de toda a cidade de Sicar.

- Notemos que o autêntico evangelista nunca perde a oportunidade de anunciar a Palavra do Senhor. Filipe, por exemplo, ia de Azoto para sua cidade em Cesaréia (At. 21.8); mas não perdeu tempo, foi pregando por todas as cidades no caminho (At. 8.40).

- Temos também exemplo de evangelistas na Bíblia nos chamados “evangelistas-escritores”, ou seja, os autores dos Evangelhos: Mateus, Marcos, Lucas e João. Seus escritos evangelizaram e ainda evangelizam muitas pessoas.

- Dos quatro, Mateus e João eram discípulos de Cristo. Mateus, também chamado Levi, filho de Alfeu, era coletor de impostos antes (Mt. 9.9; Mc. 2.14). João era o discípulo “a quem Jesus amava” (Jo. 13.23), que estava ao pé da cruz antes de Jesus morrer e recebeu a incumbência de cuidar de Maria, mãe de Jesus (Jo. 19.26-27). Escreveu também 3 epístolas e o Apocalipse.

- Marcos, que foi o primeiro a escrever o seu Evangelho, era provavelmente o João Marcos, sobrinho de Barnabé, que acompanhou Paulo e Barnabé na primeira viagem missionária (At. 12.25) e que os abandonou no caminho, sendo causa de dissensão entre Paulo e Barnabé (At. 15.37-39), mas que Paulo reconheceu como útil no fim de sua vida (2Tm. 4.11). É ele também, provavelmente, o jovem mencionado em seu próprio Evangelho (Mc. 14.51-52) que acompanhou Jesus quando Ele foi preso, depois que todos os discípulos fugiram, envolto em um lençol, e que fugiu nu quando tentaram o apanhar.

- Lucas é o único que não conviveu diretamente com Jesus, mas, detalhista como era, informou-se de tudo antes de escrever o seu Evangelho (Lc. 1.3). Também escreveu o livro de Atos, ambos dedicados a um certo Teófilo. Lucas era médico e acompanhou Paulo em algumas de suas viagens missionárias.

Texto áureo:

2 TIMÓTEO 4

5 Mas tu sê sóbrio em tudo, sofre as aflições, faz a obra de um evangelista, cumpre o teu ministério.

- No Novo Testamento, evangelistas eram homens de Deus, capacitados e comissionados por Deus para anunciar o evangelho, isto é, as boas novas da salvação aos perdidos e ajudar a

estabelecer uma nova obra numa localidade. A proclamação do evangelho reúne em si a oferta e o poder da salvação (Rm. 1.16).

- Filipe, o “evangelista” (At. 21.8), claramente retrata a obra deste ministério, segundo o padrão do Novo Testamento. Filipe pregou o evangelho de Cristo (At. 8.4,5,35). (b) Muitos foram salvos e batizados em água (At. 8.6,12). (c) Sinais, milagres, curas e libertação de espíritos malignos acompanhavam as suas pregações (At. 8.6,7,13). (d) Os novos convertidos recebiam a plenitude do Espírito Santo (At. 8.14-17).

- O evangelista é essencial no propósito de Deus para a igreja. A igreja que deixar de apoiar e promover o ministério de evangelista cessará de ganhar convertidos segundo o desejo de Deus. Tornar-se-á uma igreja estática, sem crescimento e indiferente à obra missionária. A igreja que reconhece o dom espiritual de evangelista e tem amor intenso pelos perdidos, proclamará a mensagem da salvação com poder convincente e redentor (At. 2.14-41).

Texto da leitura bíblica em classe:

ATOS 8.26-35; EFÉSIOS 4.11

ATOS 8

26 E o anjo do Senhor falou a Filipe, dizendo: Levanta-te e vai para a banda do Sul, ao caminho que desce de Jerusalém para Gaza, que está deserto.

- As visitas dos anjos são consideradas contatos divinos. Neste caso, o anjo forneceu certas orientações a Filipe; porém, nos vs. 29 e 39, vemos que quem deu tais orientações foi o Espírito Santo. O mesmo fenómeno se repete em At. 10.3,29. (ver At. 23.8, onde “anjo” e “espírito” são sujeitos que os saduceus geralmente negavam como realidades vivas).

- Alguns intérpretes supõem que há aqui uma substituição entre os termos anjo e Espírito, e que o anjo referido é o mesmo Espírito Santo. O mais certo, entretanto, é que o anjo seja encarado neste episódio como instrumento do Espírito de Deus. Todavia, segundo o pensamento judaico, não haveria qualquer contradição nessa maneira de tratar o anjo, pois este é equiparado ali com a própria presença de Deus. As visitas angelicais proviam orientação, e isso era reputado como a mesma coisa que a presença divina real (ver o trecho de At. 7.30, que alude ao anjo na sarça ardente, ao passo que, em Ex. 3.20 é o Deus Altíssimo, *Yahweh*, quem fala com Moisés da sarça). Assim sendo, o contacto com um anjo é considerado um contacto genuíno com Deus, porquanto o anjo traz a presença divina aos homens, em termos e condições que eles podem suportar e compreender (ver Jz. 13.21-22, onde a visão de Manoá e sua esposa, ao contemplarem o anjo que lhes apareceu, é equiparada à visão de Deus. Nesse caso, na opinião de alguns estudiosos, o anjo seria o mesmo *Logos* eterno, ou seja, Cristo preencarnado).

- O ministério dos anjos (ver Hb. 1.4) transcende àquilo que os homens podem conhecer por meio da percepção dos sentidos. Esse é um dom de Deus.

- O ministério dos anjos, como o caso registrado nesta passagem, implica necessariamente o teísmo, em contraste com o deísmo. O primeiro ensina que Deus não somente criou, mas também continua interessado por sua criação, mantém contacto com a mesma e tanto pune como galardoa aos homens. Em contraste com isso, o segundo ensina a existência de Deus, de um deus, de deuses, de alguma força cósmica qualquer que teria sido o criador; mas assevera que tal

deus ou deuses não tem qualquer interesse por sua criação, nem se fazem presentes na mesma, direta ou indiretamente, não punindo e nem galardoando, conseqüentemente, aos homens. (quanto a várias notas expositivas concernentes à natureza de Deus, ver At. 17.27; quanto às provas básicas da existência de Deus, racionais e empíricas, ver Rm. 1.20).

- A versão da Septuaginta (tradução do Antigo Testamento hebraico para o grego, feita cerca de duzentos anos do cristianismo) usa a expressão “para a banda do Sul” a fim de indicar tanto a passagem do tempo como certas relações espaciais, isto é, “meio-dia”; mas o mais provável é que a ideia espacial esteja em foco neste caso. O trecho de At. 22.6, entretanto, usa essa expressão em seu sentido de tempo, sendo a única outra passagem em que tal expressão ocorre no Novo Testamento.

- O trecho de Sf. 2.4 encerra curiosas coincidências verbais com este versículo, na menção de Gaza e na expressão concernente ao tempo. O v. 27 deste mesmo capítulo tem outro paralelo com Sofonias; e o v. 39 com Sf. 3.4. Outrossim, muito se assemelha a história aqui registrada com a de Elias, em 1Rs. 18.12 e 2Rs. 2.16-17. Por causa disso, alguns têm pensado que a narrativa de Lucas foi criada por ele, tendo usado algumas passagens do Antigo Testamento. Porém, é muito mais provável que os acontecimentos aqui descritos tenham verdadeiramente ocorrido, embora a linguagem tenha, talvez, sido colorida por reminiscências do Antigo Testamento.

- A antiga Gaza era chamada Deserto de Gaza, tendo sido destruída pelo rei hasmoneano Alexandre Janeu, em 93 A.C. Em 57 A.C., Gabínio, governador romano, fundou a nova cidade de Gaza, um tanto mais próxima do mar Mediterrâneo. Alguns arqueólogos e historiadores localizam o local do batismo do eunuco etíope a cerca de três quilômetros ao norte de Azoto, perto do cômodo da cidade de Asdode, dos filisteus. Ali fica o único lugar onde havia água potável naquela porção da rota das caravanas que levava a Gaza. Em tempos antigos, Gaza fora uma cidade fortificada, que resistira a Alexandre o Grande por nada menos de cinco meses. Foi novamente destruída pelos romanos, depois que começou a guerra destes com os judeus, em cerca de 70 D.C. Gaza era uma das cinco principais cidades da Palestina (quanto às histórias do Antigo Testamento, associadas com Gaza, ver os trechos seguintes: Dt. 2.23; Gn. 10.19; Js. 10.41; 11.21-22; 13.3; 15.47; Jz. 1.18; 16.1-3,21-31; Jr. 47.1; Am. 1.6-7 e Sf. 2.4 e 9.5).

- É bem provável, embora não seja certo, que a antiga cidade de Gaza seja atualmente representada por Tell El-Ajjul, a cerca de quase quatro quilômetros da costa do Mediterrâneo. O arqueólogo Flinders Petrie escavou ali de 1930 a 1934 e descobriu cinco níveis distintos de ocupação humana, as primeiras quatro camadas pertencentes à Idade do Bronze Média, e a quinta pertencente à Idade do Bronze Posterior (3000 A.C. - 1000 A.C.).

- O novo local, fundado por Gabínio, governador romano, que fica mais próximo do Mar Mediterrâneo, também tem sido explorado pela arqueologia; porém, sendo uma localidade ocupada hoje em dia, não têm sido muito satisfatórios os resultados obtidos nessas escavações.

- Gaza era aldeia que ficava cerca de quatro quilômetros da beira-mar; era a última cidade pela qual passavam os viajantes que iam da Fenícia ao Egito, e ficava na entrada do deserto, de conformidade com a narrativa dada por Adriano.

- Vemos neste episódio a providência de Deus. Havia diversos caminhos que um caminhante podia tomar ao ir de Jerusalém a Gaza. O caminho pelo qual Filipe foi dirigido passava pelo deserto, sendo, por isso mesmo, um caminho ermo. Alguns estudiosos imaginam que “deserto”, neste caso, refere-se à Gaza como cidade destruída, mas essa possibilidade é muito remota. Mas

é que o eunuco etíope retornava de Jerusalém por aquele caminho, sendo que também a orientação do Espírito Santo levava Filipe a encontrar-se fatalmente com esse homem. Isso nos permite ver como Deus determina até mesmo os acontecimentos corriqueiros da nossa vida diária, a fim de produzir aquilo que está de acordo com os seus desígnios. O fato de haver essa orientação, esse desígnio e esse destino divinos em nossas vidas serve, para nós, de grande consolo e encorajamento; pois, através dessa ideia, podemos negar, com toda a razão, que as coisas sucedem em nossas vidas por mero acaso; pelo contrário, podemos afirmar que Deus se interessa por tudo quanto nos acontece — certamente um firme alicerce para o consolo e a esperança, tanto para esta existência terrena como para toda a eternidade.

- Como dizia Calvino, embora tal coisa não seja claramente expressa, contudo, todos os mandamentos de Deus contêm uma promessa oculta, de que tanto quanto obedecermos a ele, toda a obra em que pusermos as mãos terá bom êxito (no tocante à providência de Deus, ver Jo. 7.6; 11.4 e At. 7.9-10).

27 E levantou-se e foi. E eis que um homem etíope, eunuco, mordomo-mor de Candace, rainha dos etíopes, o qual era superintendente de todos os seus tesouros e tinha ido a Jerusalém para adoração,

- O etíope, como é evidente, era um alto oficial, isto é, o tesoureiro real da corte da rainha etíope, Candace. Na antiguidade não era raro que um eunuco, que costumeiramente era guardião de algum harém, chegasse a uma posição de elevada autoridade.

- As tradições históricas que circundam a sua pessoa, dizem que ele veio a pregar o evangelho em Ceilão e na Arábia, bem como na ilha de Traprobana, no mar Vermelho, até que, finalmente, sofreu o martírio. Porém, nada se pode dizer com certeza quanto à validade dessa tradição.

- Sendo impedido de participar plenamente dos ritos religiosos do judaísmo, por causa de sua mutilação física (ver Dt. 23.1), mui provavelmente ele era o que se chamava “prosélito da porta”, isto é, um gentio convertido ao judaísmo, que não participava plenamente do mesmo. Esse termo pode indicar um convertido residente na Judéia, ou seja, “dentro das portas”, mas que, apesar disso, não era obrigado a obedecer totalmente à lei mosaica. A literatura rabínica reputava como alguém pouco melhor do que um pagão ordinário, embora algumas passagens se refiram, em termos mais elevados, a essas pessoas.

- Tais prosélitos não eram obrigados a passar pelo rito da circuncisão, mas tinham tão-somente de obedecer aos chamados sete preceitos de Noé, ou seja, a lei em sua forma mais primitiva, que os judeus imaginavam que teria sido dada a Moisés: 1) A proibição da idolatria; 2) da blasfêmia; 3) do derramamento de sangue; 4) da sensualidade; 5) do roubo; 6) a necessidade de obediência às autoridades; e 7) a proibição de consumo de sangue. Porém, não se há de duvidar que isso fazia parte das teorias rabínicas e suas distinções, ao passo que o Novo Testamento não estabelece quaisquer distinções sutis entre os convertidos. Todavia, as distinções existentes no judaísmo eram perfeitamente reais e obrigatórias.

- Os prosélitos justos, por outro lado, pertenciam àquela categoria dos que se tomavam judeus por religião, sendo batizados e circuncidados, aos quais também era requerido que observassem toda a lei mosaica, como qualquer judeu, tanto a moral como a cerimonial. Já os prosélitos da porta eram proibidos de estudar a lei, sob pena de morte; por igual modo, não podiam reivindicar os privilégios legais dos israelitas, tais como as leis sobre as propriedades e a redenção dos

primogênitos. Em contraste com isso, os prosélitos justos não diferiam nisso, em coisa alguma, dos israelitas nativos.

28 regressava e, assentado no seu carro, lia o profeta Isaías.

- O eunuco vinha lendo em voz alta, segundo era bastante comum entre os orientais. Isso foi uma das coisas que atraiu a atenção de Filipe, embora talvez houvesse recebido outras orientações da parte do Senhor.

- Estando o eunuco etíope em Jerusalém, mui provavelmente adquirira um rolo das profecias de Isaías; e isso pode ter-lhe custado uma boa soma em dinheiro, pois, depois dos papiros do mar Morto, seria a porção mais antiga que poderíamos encontrar do Antigo Testamento.

- Entretanto, o rolo, sem dúvida alguma, fora escrito em grego, pertencente à versão da Septuaginta, e não em hebraico (ver o v. 32 deste capítulo). A versão da Septuaginta foi originalmente traduzida em Alexandria, no Egito; cópias podiam ser encontradas a vontade naquele lugar, bem como na maior parte das cidades do mundo civilizado de então.

- As circunstâncias de que estivera em Jerusalém e vinha lendo as Escrituras indicam-nos que, mui provavelmente, ele era prosélito do judaísmo, em qualquer de suas categorias (ver comentários ao v. 27 acima).

- Não satisfeito com o ritual estéril de que participara, procurava aliviar o tédio da viagem de volta para casa lendo as Escrituras. Porém, isso não é tudo, pois visto que Filipe ‘ouviu-o a ler o profeta Isaías, deve ter estado a ler em voz alta; e embora fosse costumeiro, conforme se verifica até hoje, no oriente, ler-se em voz alta, a probabilidade maior é que ele não lia exclusivamente para o seu próprio benefício, mas também para quem lhe dirigia a carruagem.

- O eunuco viera para adorar, e grande era também o seu desejo de aprender, o que nos deixa entrever novamente a sua piedade. Porém, embora não compreendesse, lia; e, depois da leitura, examinava.

- Alguns estudiosos opinam que o eunuco lia o rolo de Isaías porquanto, em Jerusalém, teria ouvido diretamente a alguns cristãos; ou talvez tivesse ouvido falar a seu respeito, indiretamente, sobre como a nova religião via naquele livro profecias sobre Jesus, o Cristo. Não temos meios para averiguar a exatidão disso tudo, mas há possibilidade de que teria sido natural para o Espírito Santo prepará-lo para o seu encontro com Filipe. Isso serve para ilustrar, uma vez mais, como coisa alguma acontece por acaso, mas antes, como a providência divina guia as nossas vidas (ver a propósito os comentários ao v. 26, acima, como também os trechos de At. 7.9-10; Jo. 7.6 e 11.4).

- Mestres da Bíblia são enviados a instruir aqueles que buscam realmente conhecer a verdade. Ele fora a Jerusalém a fim de adorar; havia tirado algum proveito desses exercícios religiosos e até mesmo viajando aproveitava o tempo. Deus percebeu sua simplicidade e intensidade, e proveu para ele um instrutor, que pudesse conduzi-los às verdades mais profundas do evangelho, e que, não fora tal instrutor, jamais poderia ter entendido sozinho. Muitos, após terem cumprido o seu dever, segundo o chamam, de frequentar um lugar qualquer de adoração, esquecem-se do motivo que os levara até ali, e passam o seu tempo, na volta, em conversações tolas, ao invés de lerem ou conversarem acerca da Palavra de Deus. Não é de admirar, por conseguinte, que tais indivíduos vivam sempre a aprender, sem jamais chegarem ao conhecimento da verdade. Essa

observação também nos faz lembrar do fato de que mestres e instrutores são enviados àqueles que buscam sinceramente a verdade, quando deles necessitam para seu progresso nas coisas espirituais. Deus recompensa aqueles que o buscam, e não os deixa destituídos da expansão de seu conhecimento e de sua experiência espirituais.

29 E disse o Espírito a Filipe: Chega-te e ajunta-te a esse carro.

- Dois homens em um deserto; um encontro aparentemente ao acaso. Aconteceram coisas que eram corriqueiras e obviamente comuns. Mas Deus estava com eles, e destinos estavam sendo determinados.

- Um dos homens lia as Escrituras; o outro as entesourara em seu coração. Acontecem coisas notáveis quando os homens dão valor as Escrituras.

- Um dos homens precisava receber instrução; o outro possuía o conhecimento necessário à instrução eficaz. Isso está à disposição do leitor, se este tiver zelo suficiente, para desenvolver-se pessoalmente. A quantos deveríamos ensinar o caminho da verdade e da retidão? Quantos têm esperado em vão por nossa visita?

- Este versículo também ilustra a verdade do determinismo divino, o que, de um ponto de vista religioso, significa que Deus determina os acontecimentos com o propósito de produzir os resultados por ele desejados (quanto a uma ampla discussão sobre essa particularidade, ver Rm. 9.15-16; quanto ao livre-arbítrio do homem, que é uma verdade paralela àquela, ver 1Tm. 2.4).

- Deus faz o livre-arbítrio cooperar para Seus fins, utilizando-se dele sem destruí-lo; contudo, não sabemos precisar como o Senhor o faz. Essas duas verdades — a do determinismo divino e a do livre-arbítrio humano — formam um paradoxo, isto é, fazem parte, juntamente, de uma proposição que parece contradizer a si mesma, a exemplo do fato de que Jesus Cristo é ao mesmo tempo divino e humano.

- Um paradoxo, entretanto, nem sempre expressa uma insensatez ou inverdade, simplesmente porque não encontramos solução fácil para ele, ou mesmo porque não encontramos solução alguma para ele. O livre-arbítrio do homem e o determinismo divino são verdades bíblicas, porém, para o problema de como podem sê-lo ao mesmo tempo é que não achamos a resposta adequada.

- Deve-se observar, neste ponto, que o Espírito (neste caso, o Espírito Santo, e não meramente o espírito humano) toma o lugar do anjo, referido no v. 26 deste capítulo, mas é bem provável que até mesmo aqui encontremos o ministério angelical, operando em nome e no lugar do Espírito Santo (ver comentários ao v. 26 acima, quanto a esses termos, alternados nesta passagem bíblica, e ao que fica subentendido nisso, de conformidade com a teologia judaica, acerca das manifestações dos anjos, em relação à presença de Deus).

- Alguns intérpretes acreditam que o Espírito Santo meramente continuou a agir onde o anjo deixara de ministrar e que a orientação divina foi dada por impulso no íntimo de Filipe. Isso é possível; todavia, é menos provável que a outra interpretação, embora não possamos ter certeza sobre a verdadeira natureza do fato.

- Este texto nos mostra que não deveríamos ser tão tímidos para com os desconhecidos como alguns fingem ser. Quanto àqueles que desconhecemos, pelo menos sabemos disto, que têm alma.

- No que tange ao carro ou carruagem em que viajava o eunuco etíope, não sabemos qual seria o tipo desse veículo. No entanto, que os magistrados, os cônsules, os pretores, os censores e os edis principais dos romanos costumavam usar um veículo chamado *carrus*, no latim, veículo dotado de duas rodas, com um assento, em alguns casos capaz de ser dobrado, no qual se assentavam nas reuniões do senado, a rostra ou tribunal de justiça, a que denominavam de *curulis*, porquanto levavam consigo os assentos de seus respectivos carros. Também havia outros tipos desse pequeno veículo, geralmente puxado por três mulas, ou por três cavalos, dotado de um assento ou dois. Havia também uma carruagem maior, munida de quatro rodas, chamada *rheda*, algumas vezes adornada de metais preciosos. Os carros de guerra geralmente contavam com duas rodas e eram tripulados por dois homens, um dos quais dirigia os cavalos, enquanto o outro era o combatente. É bem provável que o veículo utilizado pelo eunuco etíope pertencia a esse tipo menor, que podia viajar com maior rapidez.

30 E, correndo Filipe, ouviu que lia o profeta Isaías e disse: Entendes tu o que lês?

- Podemos divisar aqui a importância da leitura e do estudo das Escrituras Sagradas. O particípio presente, no original grego, indica que Filipe esperava uma resposta negativa, o que, de resto, seria plenamente justificável. A famosa citação de Juliano, o Apóstata, vem à nossa memória, quando lemos este versículo. Exclamou ele: “Li, compreendi e condenei!” A réplica de um famoso bispo cristão e igualmente seguida: “Leste, mas não compreendeste; pois se tivesses compreendido, não terias condenado”.

- Não obstante, embora ignorasse muitas coisas ali escritas, não se enfadou, lançando o livro para um lado. Assim também devemos nós ler as Escrituras. É necessário que recebamos sofregamente, com mente acolhedora, aquelas coisas que ali estão claras, até onde Deus nos tiver aberto a mente. Quanto àquelas outras coisas que nos forem ocultas, precisamos passar por cima das mesmas, até podermos perceber maior luz.

- E, se não nos enfatiarmos dessa leitura, finalmente chegará o tempo em que as Escrituras nos parecerão mais familiares, por causa do seu uso.

- A maioria dos crentes professa aceitar a ideia de que Deus falou por intermédio do Antigo e do Novo Testamentos; no entanto, prevalece crassa ignorância acerca de muitos ensinamentos importantes desses livros sagrados, especialmente a respeito do conhecimento geral das doutrinas paulinas.

- Talvez o fato mais perturbador em torno de toda essa questão do estudo das Escrituras seja que muitos dos chamados mestres passam anos, ou talvez mesmo se passem gerações, sem que ninguém faça qualquer esforço sério para melhorar o seu conhecimento ou a sua habilidade de ensinar; e assim, as pobres congregações são forçadas a contentar-se com uma classe de mestres de segunda, terceira ou quarta categoria. Se isso ocorresse no mundo exterior, onde a ênfase recai sobre o progresso e a melhoria contínuos, e onde todos são obrigados a procurarem aprimorar-se sem cessar, muitas pessoas perderiam sua ocupação. Porém, nas igrejas evangélicas os mestres bíblicos geralmente não são pagos, e isso talvez seja a grande razão da incúria, sendo talvez uma das circunstâncias adversas no seio da igreja.

- Seja como for, é realmente lamentável que tantos indivíduos só se disponham a melhorar seus conhecimentos e seus métodos a troco de um salário. Mas, que se pode dizer acerca daqueles ministros pagos que pensam que os quatro anos passados em algum seminário bíblico ou instituto preparou-os eternamente para o que têm a fazer? Quantos deles procuram melhorar sua utilidade, nas mãos de Deus, de alguma forma objetiva e intensiva?

- Porém, acima de todas essas considerações eleva-se a questão do desenvolvimento e do aprofundamento espirituais. Quantos, realmente, preocupam-se em encontrar meios e métodos para terem, em sua vida cristã, a presença cada vez mais plena do Espírito Santo? A mente deve ser treinada e cheia da Palavra de Deus; e a alma deve estar tomada pela presença do Espírito Santo.

31 E ele disse: Como poderei entender, se alguém me não ensinar? E rogou a Filipe que subisse e com ele se assentasse.

- A mensagem estava guardada em forma escrita. Filipe desenvolveu-se mediante a palavra falada. Essa combinação salvou uma alma. É importante ensinarmos oralmente. Também é importante contarmos com fontes em forma escrita, das quais muitas ideias possam ser obtidas para ensinarmos.

- Laboram em erro aqueles que não sentem a necessidade de aprender da parte de outros, sem importar se a instrução é recebida em forma oral ou é proveniente de fontes escritas. Consideremos a necessidade que se tem de desenvolver a mente. Bons livros, sobretudo aqueles que explanam as Escrituras, podem ajudar-nos a desenvolver mentalidade espiritual, a mais rica de todas as possessões.

- Aqueles que se orgulham daquilo que Deus lhes revelou não devem desprezar o que Deus tiver revelado a outros, quer isso seja expresso verbalmente ou preservado em forma escrita. O poder e a influência da literatura de todas as espécies, para bem ou para mal, tem sido repetidamente comprovado na experiência humana. Por que haveríamos de desprezar esse fator? Por que haveríamos de negligenciar esse poder?

- Os filósofos epicureus da Grécia antiga tinham razão quando salientavam a importância dos prazeres mentais acima dos prazeres físicos. A mente, treinada e preta de pensamentos dignos, e, mais particularmente ainda, de pensamentos divinos, concede aos seus possuidores uma alegria que poucos são capazes de conhecer e apreciar.

- Alguns têm receio do conhecimento, do estudo e das pesquisas, imaginando que tais atividades inevitavelmente corrompam o homem. Porém, Deus jamais oferece qualquer prêmio à ignorância, porquanto ele mesmo é conhecimento consumado. É fato que um conhecimento superficial pode corromper, mas o estudo sério, sobretudo das Escrituras, conduz o indivíduo de volta a Deus, que é a verdade absoluta.

- No tocante ao valor dos comentários bíblicos e dos intérpretes das Escrituras, declarou Calvino: "Foi das mais notáveis a modéstia do eunuco, que não somente permitiu ser indagado por Filipe, que parecia homem dos mais comuns, mas também lhe confessou francamente a sua ignorância. E certamente jamais devemos ter a esperança de que alguém é para ser ensinado, quando se ufana de sua própria esperteza. É exatamente por isso que a leitura das Escrituras é aproveitada tão pouco nestes nossos dias, porquanto dificilmente podemos encontrar uma pessoa, em cada cem, que se submeta voluntariamente ao aprendizado. Porque apesar de todos os homens quase

se envergonharem de sua ignorância, em qualquer assunto que ignorem, contudo, todos preferem nutrir a sua ignorância a parecerem ser alunos de outrem. Homens fanáticos requerem inspiração e revelação dos céus, mas, ao mesmo tempo, desprezam os ministros de Deus, por intermédio de cuja mão deveriam deixar-se governar. Alguns outros, que confiam demasiadamente em sua própria inteligência, não querem dar ouvidos a outros homens, e não leem qualquer comentário. Deus, entretanto, não quer que negligenciemos aquelas ajudas que ele nos oferece; e não permite que escapem sem prejuízo àqueles que desprezam a esses auxílios”.

- A fim de que possamos ter correta compreensão das Escrituras, é mister que contemos com alguém que nos guie; alguns bons livros, alguns homens bons, mas acima de tudo, o Espírito da graça, que nos conduz a toda a verdade.

32 E o lugar da Escritura que lia era este: Foi levado como a ovelha para o matadouro; e, como está mudo o cordeiro diante do que o tosquia, assim não abriu a sua boca.

- O trecho mais importante, contido nesta narrativa, além das implicações históricas acerca da propagação da igreja cristã, é a citação do quinquagésimo terceiro capítulo de Isaías, que fala sobre Cristo como o Messias-Servo Sofredor. Por essa altura dos acontecimentos, esse elemento se tinha feito parte da apologia messiânica em favor de Jesus, apresentada pelos cristãos primitivos (quanto à *apologia cristã* em prol do caráter messiânico de Jesus, ver Jo. 7.45; quanto a comentários sobre o Senhor Jesus como “Servo Sofredor”, ver At. 3.18; quanto a Jesus como “o Servo de Deus”, ver At. 3.13; quanto ao testemunho geral do Antigo Testamento a respeito de Cristo, acompanhado de uma lista das profecias e como elas tiveram cumprimento nele, ver At. 3.22; quanto às “profecias do reino”, relativas a Cristo, ver At. 3.21).

33 Na sua humilhação, foi tirado o seu julgamento; e quem contará a sua geração? Porque a sua vida é tirada da terra.

- Continua aqui a citação alicerçada no trecho de Is. 53.7-8, com base na versão da Septuaginta. Aqui foi predita a notória injustiça praticada pelo sinédrio, em sua maneira de tratar o Messias. Na Sua morte, a justiça foi negada e eliminada. As regras ordinárias de procedimento legal foram totalmente olvidadas e testemunhas falsas foram propositalmente procuradas. Jamais houve qualquer ideia de ser feita uma investigação imparcial, por meio da qual se pudesse chegar a alguma conclusão razoável. Pelo contrário, tratava-se da tentativa predeterminada de obter a morte de Jesus, dando a tudo a impressão falsa de que se fizera justiça.

- Os antigos davam pouco valor ao espírito humilde. De fato, Aristóteles considerava que a humildade era um defeito moral. Platão, entretanto, conferia à humildade um lugar superior, denunciando o orgulho, o desejo de possuir riquezas, as honrarias humanas e coisas semelhantes.

- O Novo Testamento, ao contrário, dá grande ênfase à humildade (ver Cl. 3.12 e 1Pe. 5.5). A humildade de Cristo tornou possível, em primeiro lugar, a sua glorificação; em seguida, possibilitou a nossa. E é disso que consiste a nossa salvação (ver Fp. 2.7ss.).

- A humildade reflete nossa dependência a Deus, quer na questão da existência terrena e suas necessidades, quer no tocante à existência espiritual, com seus requisitos e sua glória. Porquanto participamos da humilhação de Cristo, também haveremos de compartilhar de Sua glorificação, de Sua imagem e de Sua natureza (ver Cl. 2.10 e 2Co. 3.18).

- A expressão inicial deste versículo, no original hebraico de Isaías, parece indicar: “Pela opressão e pelo juízo ele foi arrebatado, isto é, eliminado, executado”. Similarmente, segundo o uso neotestamentário, essas palavras parecem dar a entender: “Ele sofreu um julgamento injusto”, em alusão ao homicídio judicial que o vitimou, isto é, execução capital perpetrada mediante julgamento e condenação baseados na falsificação de provas.

- Foi-lhe negada a justiça que deveria receber quando do seu julgamento. Em Sua humilhação, não lhe fizeram justiça; os Seus direitos Lhe foram negados e teve de sofrer como se fosse um criminoso. Daí a tradução de nossa versão, acompanhando a tradução inglesa RSV: “Na sua humilhação, foi tirado o seu julgamento”.

- Naturalmente, a humilhação, neste caso, não envolve meramente a humanidade de Cristo, e nem apenas a sua posição humilde, mas igualmente aquela condição de desgraça para a qual o empurraram homens perversos e violentos. Todavia, essa situação de opróbrio não poderia ter-se materializado, a menos que ele tivesse vindo a este mundo em sua missão encarnada. O trecho de Fp. 2.6-8 diz-nos que tudo isso fazia parte da humilhação geral de Cristo, termo esse que expressa a posição por ele tomada, quando de sua encarnação, em contraste com as honras que desfrutava, como o *Logos* eterno (ver o trecho de Jo. 1.1 sobre esse assunto).

- A expressão “quem contará a sua geração?” tem criado muitas dúvidas, na opinião dos estudiosos das Escrituras, tendo surgido muitas interpretações, a saber: 1. Essa passagem parece querer dizer: Quem pode declarar quantos, finalmente, compartilharam de sua vida? (isto é, mediante a confiança Nele, através da vida que Ele outorga). Porquanto Ele foi tirado tão repentinamente da face da terra que pouca promessa deixou de possuir uma posteridade espiritual. Um dos sentidos centrais da vida terrena, para cada indivíduo, é que, através de cada remido, a vida de Cristo continua. Porém, a iniquidade dos homens furtou Cristo até mesmo disso. 2. Quem poderia descrever aquela geração ímpia? E, nesse caso, estariam em foco os seus contemporâneos. Aquela gente teria sido tão completamente perversa que, quem poderia exercer suas faculdades discursivas, sua razão e imaginação, de modo suficiente a realmente descrever corretamente a perversidade daquela geração? 3. Quem, entre eles, teria considerado ou dado atenção sobre a maneira como Cristo foi maltratado, e, finalmente, foi cortado (o que indica uma morte violenta) dentre o Seu povo? Quem teria observado o horror verdadeiro e profundo do que sucedeu? A palavra “geração”, neste caso, portanto, significa a “vida em geral”. 4. Outros eruditos compreendem que se trata da circunstância de um julgamento que ordinariamente contava com uma testemunha positiva em favor do acusado. Assim sendo, quem foi que deu testemunho positivo sobre Sua vida e as obras de bondade e de graça (o que estaria em vista na palavra “geração”)? Esse ponto de vista expressa certa verdade, mas mui provavelmente ainda não representa a interpretação correta. 5. Ainda outros estudiosos pensam tratar-se de Sua filiação eterna. Quem, entre os Seus contemporâneos, teve qualquer ideia real sobre quem foi Jesus, o qual, na realidade, era o próprio Filho eterno de Deus? Contudo, a “geração” eterna de Cristo não é aqui destacada, embora seja verdade que pouquíssimos reconheceram-no conforme ele realmente é. 6. Ainda mais distante da interpretação correta é a opinião daqueles que pensam que a alusão é ao nascimento virginal, ou seja, Sua geração natural. Quem teria compreendido qualquer coisa acerca de Sua miraculosa concepção? (Estaria em vista a Sua geração, em sentido físico). 7. Calvino vê nessas palavras uma referência à vida eterna de Cristo (resultante de Sua ressurreição), a qual ninguém pode descrever em toda a sua vastidão e profundidade, o que também nos garante a vida eterna, que nele possuímos.

- Dentre essas diversas possibilidades, a primeira e a segunda parecem as mais prováveis; e a segunda delas parece encerrar o sentido tencionado no original hebraico. Assim é que John Gill esclarece: “Não está em vista a sua geração divina ou humana; nem as tristezas de sua vida; nem

a duração de sua vida, desde a sua ressurreição; nem o número de sua descendência espiritual; certos indivíduos veem nessas palavras um sentido que elas não podem suportar; mas a geração ou época em que Cristo viveu, por causa de sua iniquidade entre eles mesmos, e por causa da barbaridade que cometeu contra ele, manifestando contra ele tanta má vontade, é que não pode ser suficientemente descrita e declarada...(pois sua vida) ‘foi tirada da terra’ não em sentido judicial, mas da maneira mais cruel, bárbara e injusta, através de meios violentos, não sem o concurso da vontade de seu Pai, e do seu consentimento pessoal; e embora a sua vida tivesse sido tirada da terra, ele agora vive nos céus para todo o sempre”.

34 E, respondendo o eunuco a Filipe, disse: Rogo-te, de quem diz isto o profeta? De si mesmo ou de algum outro?

35 Então, Filipe, abrindo a boca e começando nesta Escritura, lhe anunciou a Jesus.

EFÉSIOS 4

11 E ele mesmo deu uns para apóstolos, e outros para profetas, e outros para evangelistas, e outros para pastores e doutores,

- Este versículo alista os dons de ministério (ou seja, líderes espirituais dotados de dons) que Cristo deu à igreja. Paulo declara que Ele deu esses dons para preparar o povo de Deus ao trabalho cristão (Ef. 4.12) e para o crescimento e desenvolvimento espirituais do corpo de Cristo, segundo o plano de Deus (Ef. 4.13-16).

- O título “apóstolo” se aplica a certos líderes cristãos no Novo Testamento. O verbo *apostello* significa enviar alguém em missão especial como mensageiro e representante pessoal de quem o envia. O título é usado para Cristo (Hb. 3.1), os doze discípulos escolhidos por Jesus (Mt. 10.2), o apóstolo Paulo (Rm. 1.1; 2Co. 1.1; Gl. 1.1) e outros (At. 14.4,14; Rm. 16.7; Gl. 1.19; 2.8,9; 1Ts. 2.6,7).

- O termo “apóstolo” era usado no Novo Testamento em sentido geral, para um representante designado por uma igreja, como, por exemplo, os primeiros missionários cristãos. Logo, no Novo Testamento o termo se refere a um mensageiro nomeado e enviado como missionário ou para alguma outra responsabilidade especial (ver At. 14.4,14; Rm. 16.7; cf. 2Co. 8.23; Fp. 2.25). Eram homens de reconhecida e destacada liderança espiritual, ungidos com poder para defrontar-se com os poderes das trevas e confirmar o Evangelho com milagres. Cuidavam do estabelecimento de igrejas segundo a verdade e pureza apostólicas. Eram servos itinerantes que arriscavam suas vidas em favor do nome de nosso Senhor Jesus Cristo e da propagação do evangelho (At. 11.21-26; 13.50; 14.19-22; 15.25,26). Eram homens de fé e de oração, cheios do Espírito (ver At. 11.23-25; 13.2-5,46-52; 14.1-7,21-23).

- Apóstolos, no sentido geral, continuam sendo essenciais para o propósito de Deus na igreja. Se as igrejas cessarem de enviar pessoas assim, cheias do Espírito Santo, a propagação do evangelho em todo o mundo ficará estagnada. Por outro lado, enquanto a igreja produzir e enviar tais pessoas, cumprirá a sua tarefa missionária e permanecerá fiel à grande comissão do Senhor (Mt. 28.18-20).

- O termo “apóstolo” também é usado no NT em sentido especial, em referência àqueles que viram Jesus após a sua ressurreição e que foram pessoalmente comissionados por Ele a pregar o evangelho e estabelecer a igreja (por exemplo, os doze discípulos e Paulo). Tinham autoridade ímpar na igreja, no tocante à revelação divina e à mensagem original do evangelho, como ninguém mais até hoje (ver Ef. 2.20). O ministério de apóstolo nesse sentido restrito é exclusivo, e dele não há repetição. Os apóstolos originais do Novo Testamento não têm sucessores (ver 1Co. 15.8).

- Os profetas eram homens que falavam sob o impulso direto do Espírito Santo, e cuja motivação e interesse principais eram a vida espiritual e pureza da igreja. Sob o novo concerto, foram levantados pelo Espírito Santo e revestidos pelo seu poder para trazerem uma mensagem da parte de Deus ao seu povo (At. 2.17; 4.8; 21.4).

- O ministério profético do Antigo Testamento ajuda-nos a compreender o do Novo Testamento. A missão principal dos profetas do Antigo Testamento era transmitir a mensagem divina por meio do Espírito, para encorajar o povo de Deus a permanecer fiel, conforme os preceitos da antiga aliança. Às vezes eles também prediziam o futuro conforme o Espírito lhes revelava. Cristo e os apóstolos são um exemplo do ideal do Antigo Testamento (At. 3.22,23; 13.1,2).

- A função do profeta na igreja incluía o seguinte: (a) Proclamava e interpretava, cheio do Espírito Santo, a Palavra de Deus, por chamada divina. Sua mensagem visava admoestar, exortar, animar, consolar e edificar (At. 2.14-36; 3.12-26; 1Co. 12.10; 14.3). (b) Devia exercer o dom de profecia. (c) Às vezes, ele era vidente (cf. 1Cr. 29.29), predizendo o futuro (At. 11.28; 21.10,11). (d) Era dever do profeta do Novo Testamento, assim como para o do Antigo Testamento, desmascarar o pecado, proclamar a justiça, advertir do juízo vindouro e combater o mundanismo e frieza espiritual entre o povo de Deus (Lc. 1.14-17). Por causa da sua mensagem de justiça, o profeta pode esperar ser rejeitado por muitos nas igrejas, em tempos de mornidão e apostasia.

- O caráter, a solicitude espiritual, o desejo e a capacidade do profeta incluem: (a) zelo pela pureza da igreja (Jo. 17.15-17; 1Co. 6.9-11; Gl. 5.22-25); (b) profunda sensibilidade diante do mal e a capacidade de identificar e detestar a iniquidade (Rm. 12.9; Hb. 1.9); (c) profunda compreensão do perigo dos falsos ensinamentos (Mt. 7.15; 24.11,24; Gl. 1.9; 2Co. 11.12-15); (d) dependência contínua da Palavra de Deus para validar sua mensagem (Lc. 4.17-19; 1Co. 15.3,4; 2Tm. 3.16; 1Pe. 4.11); (e) interesse pelo sucesso espiritual do reino de Deus e identificação com os sentimentos de Deus (cf. Mt. 21.11-13; 23.37; Lc. 13.34; Jo. 2.14-17; At. 20.27-31).

- A mensagem do profeta atual não deve ser considerada infalível. Ela está sujeita ao julgamento da igreja, doutros profetas e da Palavra de Deus. A congregação tem o dever de discernir e julgar o conteúdo da mensagem profética, se ela é de Deus (1Co. 14.29-33; 1Jo. 4.1).

- Os profetas continuam sendo imprescindíveis ao propósito de Deus para a igreja. A igreja que rejeitar os profetas de Deus caminhará para a decadência, desviando-se para o mundanismo e o liberalismo quanto aos ensinamentos da Bíblia (1Co. 14.3; cf. Mt. 23.31-38; Lc. 11.49; At. 7.51,52). Se ao profeta não for permitido trazer a mensagem de repreensão e de advertência denunciando o pecado e a injustiça (Jo. 16.8-11), então a igreja já não será o lugar onde se possa ouvir a voz do Espírito. A política eclesiástica e a direção humana tomarão o lugar do Espírito (2Tm. 3.1-9; 4.3-5; 2Pe. 2.1-3,12-22). Por outro lado, a igreja com os seus dirigentes, tendo a mensagem dos profetas de Deus, será impulsionada à renovação espiritual. O pecado será abandonado, a presença e a santidade do Espírito serão evidentes entre os fiéis (1Co. 14.3; 1Ts. 5.19-21; Ap. 3.20-22).

- Quanto aos evangelistas, já tratamos acima.
- Os pastores são aqueles que dirigem a congregação local e cuidam das suas necessidades espirituais. Também são chamados “presbíteros” (At. 20.17; Tt. 1.5) e “bispos” ou supervisores (1Tm. 3.1; Tt. 1.7).
- A tarefa do pastor é cuidar da sã doutrina, refutar a heresia (Tt. 1.9-11), ensinar a Palavra de Deus e exercer a direção da igreja local (1Ts. 5.12; 1Tm. 3.1-5), ser um exemplo da pureza e da sã doutrina (Tt. 2.7,8), e esforçar-se no sentido de que todos os crentes permaneçam na graça divina (Hb. 12.15; 13.17; 1Pe. 5.2). Sua tarefa é assim descrita em At. 20.28-31: salvaguardar a verdade apostólica e o rebanho de Deus contra as falsas doutrinas e os falsos mestres que surgem dentro da igreja.
- Pastores são ministros que cuidam do rebanho, tendo como modelo Jesus, o Bom Pastor (Jo. 10.11-16; 1Pe. 2.25; 5.2-4).
- Segundo o Novo Testamento, uma igreja local era dirigida por um grupo de pastores (At. 20.28; Fp. 1.1). Os pastores eram escolhidos, não por política, mas segundo a sabedoria do Espírito concedida à igreja enquanto eram examinadas as qualificações espirituais do candidato.
- O pastor é essencial ao propósito de Deus para sua igreja. A igreja que deixar de selecionar pastores piedosos e fiéis não será pastoreada segundo a mente do Espírito (ver 1Tm. 3.1-7). Será uma igreja vulnerável às forças destrutivas de Satanás e do mundo (ver At. 20.28-31). Haverá distorção da Palavra de Deus, e os padrões do evangelho serão abandonados (2Tm. 1.13,14). Membros da igreja e seus familiares não serão doutrinados conforme o propósito de Deus (1Tm. 4.6,14-16; 6.20,21). Muitos se desviarão da verdade e se voltarão às fábulas (2Tm. 4.4). Se, por outro lado, os pastores forem piedosos, os crentes serão nutridos com as palavras da fé e da sã doutrina, e também disciplinados segundo o propósito da piedade (1Tm. 4.6,7).
- Os mestres são aqueles que têm de Deus um dom especial para esclarecer, expor e proclamar a Palavra de Deus, a fim de edificar o corpo de Cristo (Ef. 4.12).
- A missão dos mestres bíblicos é defender e preservar, mediante a ajuda do Espírito Santo, o evangelho que lhes foi confiado (2Tm. 1.11-14). Têm o dever de fielmente conduzir a igreja à revelação bíblica e à mensagem original de Cristo e dos apóstolos, e nisto perseverar.
- O propósito principal do ensino bíblico é preservar a verdade e produzir santidade, levando o corpo de Cristo a um compromisso inarredável com o modo piedoso de vida segundo a Palavra de Deus. As Escrituras declaram em 1Tm. 1.5 que o alvo da instrução cristã (literalmente “mandamento”) é a “caridade de um coração puro, e de uma boa consciência, e de uma fé não fingida” (1Tm. 1.5). Logo, a evidência da aprendizagem cristã não é simplesmente aquilo que a pessoa sabe, mas como ela vive, isto é, a manifestação, na sua vida, do amor, da pureza, da fé e da piedade sincera.
- Os mestres são essenciais ao propósito de Deus para a igreja. A igreja que rejeita, ou se descuida do ensino dos mestres e teólogos consagrados e fiéis à revelação bíblica, não se preocupará pela autenticidade e qualidade da mensagem bíblica nem pela interpretação correta dos ensinamentos bíblicos. A igreja onde mestres e teólogos estão calados não terá firmeza na verdade. Tal igreja aceitará inovações doutrinárias sem objeção; e nela, as práticas religiosas e idéias

humanas serão de fato o guia no que tange à doutrina, padrões e práticas dessa igreja, quando deveria ser a verdade bíblica.

- Por outro lado, a igreja que acata os mestres e teólogos piedosos e aprovados terá seus ensinamentos, trabalhos e práticas regidos pelos princípios originais e fundamentais do evangelho. Princípios e práticas falsos serão desmascarados, e a pureza da mensagem original de Cristo será conhecida de seus membros. A inspirada Palavra de Deus deve ser o teste de todo ensino, idéia e prática da igreja. Assim sendo, a igreja verá que a Palavra inspirada de Deus é a suprema autoridade, e, por isso, está acima das igrejas e suas instituições.

Referências bibliográficas:

- ARRINGTON, French L. **Comentário bíblico pentecostal – Novo Testamento**, v. 1. 4ª. edição. Editora CPAD, 2009.
- **Bíblia Apologética de Estudo**. 2ª. edição. Editora ICP, 2006.
- CHAMPLIN, Russell Norman, Ph.D. **O Novo Testamento interpretado versículo por versículo**. 2ª. edição. Editora Hagnos, v. 4, 2001.
- DAKE, Finis Jennings. **Bíblia de Estudo Dake**. Editoras CPAD e Atos, 2009.
- DILLARD, Raymond B.; LONGMAN III, Tremper. **Introdução ao Antigo Testamento**. Editora Vida Nova, 2005.
- FRANCISCO, Caramuru Afonso. **O Ministério de Evangelista**. Subsídio publicado no site <http://www.portalebd.org.br/>.
- GILBERTO, Antonio. **Lições bíblicas: Dons Espirituais e Ministeriais: Servindo a Deus e aos homens com poder extraordinário**. Editora CPAD, 2014.
- MOUNCE, William D. **Léxico analítico grego do Novo Testamento**. Editora Vida Nova, 2012.
- NEVES, Natalino das. **O Ministério de Evangelista**. Subsídio em vídeo publicado no site <http://www.natalinodasneves.blogspot.com.br>.
- **Novo Testamento trilingue: grego, português e inglês**. Editora Vida Nova.
- OLIVEIRA, Euclides de. **O Ministério de Evangelista**. Subsídio em vídeo publicado no site <http://www.adlondrina.com.br>.
- OLIVEIRA JÚNIOR, Abimael de. **O Ministério de Evangelista**. Subsídio publicado no site <http://abimaeljr.wordpress.com>.
- PFEIFFER, Charles F.; VOS, Howard F.; REA, John. **Dicionário bíblico Wycliffe**. Trad. Degmar Ribas Júnior. 5ª. edição. Editora CPAD, 2009.
- STAMPS, Donald C. **Bíblia de Estudo Pentecostal**. Editora CPAD, 2005.